

PODCAST É CULTURA? O MITO DA NATUREZA INESGOTÁVEL, COM JOSÉ AUGUSTO PÁDUA

Roberto Romero:

Não sei você aí que está nos ouvindo concorda comigo, mas eu sinto que nós estamos vivendo dias mais intensos do que nunca. Pelo menos pra mim. A impressão que eu tenho é que a cada dia que passa surge uma nova preocupação, um novo problema, um novo desafio, que vem para afetar a vida de todas e todos nós. E são problemas que muitas vezes são grandes demais, difíceis de mensurar. É pandemia, é emergência climática, é crise na economia... Desafios tão grandes que talvez vão render por gerações, e pode ser que a gente nem esteja mais aqui para ver o desfecho dessas histórias. Você não acha, Gabi?

Gabriela Moulin:

Sim, Robertinho! É tanta coisa que muitas vezes dá na gente um sentimento grande de inércia, como se não houvesse nada que pudéssemos fazer. E pior, tem vezes que chega num ponto que a gente não consegue nem imaginar como a vida poderia ser diferente. E nós aqui do BDMG Cultural estamos sempre nos perguntando como a cultura pode contribuir para a gente confabular, juntas e juntos e no presente, alternativas para tantos desafios. E foi pensando nisso que resolvemos que neste ano de 2021 a gente precisa nutrir aquilo que queremos compartilhar no futuro, como sociedade. E por isso, até o fim deste ano, o tema central dos nossos encontros aqui no podcast *É Cultura?* serão justamente as *Fabulações*, pois queremos convidar você a imaginar, com a gente, outras possibilidades para o nosso mundo.

Roberto Romero:

Isso mesmo, Gabi! E, para a gente começar do começo, eu convido você a participar da nossa primeira temporada, que vai falar sobre as *Fabulações da natureza*. Eu sou o Roberto Romero, antropólogo e apresentador deste podcast.

Gabriela Moulin:

E eu sou Gabriela Moulin, diretora presidente do BDMG Cultural.

Roberto Romero:

Bom, e já que nós vamos confabular sobre a natureza, eu vou dar um salto para trás, e vou voltar lá em 1500, quando os portugueses chegaram aqui nesta terra e se depararam com uma natureza exuberante, desconcertante, que parecia não ter fim e com os seus habitantes milenares. E para isso, eu vou precisar da ajuda de um convidado muito especial, que é o historiador ambiental José Augusto Pádua. O José Augusto é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisa há bastante tempo a história das relações entre os humanos e o meio-ambiente. Ei José Augusto! Muito obrigado por estar aqui com a gente.

José Augusto Pádua:

Oi Roberto, é um prazer estar aqui com você. E aproveito para enviar um abraço para todos os que escutaram esse podcast.

Roberto Romero:

Bom, eu queria começar te perguntando a história por trás dessa palavra “Natureza”, que por si só é uma fabulação e tanto, né?

José Augusto Pádua:

Bom, se nós examinarmos bem, é uma palavra pequena, em quatro sílabas, que dá conta do mundo, da conta do universo. Ela unifica a nossa experiência no mundo. Nós podemos olhar uma nebulosa, uma galáxia e uma pulga, e se não houver um conceito que unifique, e digo que tudo isso faz parte da natureza, é muito difícil nós construirmos um entendimento do mundo. Na tradição grega, o Aristóteles foi quem definiu muito bem, com muita elegância,

muita simplicidade, dizendo que natureza é aquilo que existe por si mesmo e aquilo que possui em si mesmo o princípio de seu movimento. Então é uma definição a partir do ser humano, é uma definição muito antropocêntrica. O observador humano, quando ele olha o mundo, ele vê que tem muitas coisas que não são criação do ser humano. Então todas essas coisas existem por si mesmas. E todas essas coisas possuem em si mesmas o princípio do seu movimento, ou seja, um corpo de algum animal, ou a rotação da terra, a passagem das estações, não somos nós que movimentamos. Que criamos esse dinamismo. Bom, essa palavra então, como eu falei, ela é de uma abrangência, de uma elegância impressionante, porque com isso você consegue dizer todas as cem bilhões de galáxias que devem existir no universo, que existem por si mesmas e possuem em si mesmas o princípio de seu movimento. O nosso corpo também existe por si mesmo, possui em si mesmo o princípio de seu movimento. Nós não falamos bate coração, respira pulmão. Esse movimento vem da natureza. Então, eu não sei se fica claro para quem está escutando, como pode haver um conceito que é tão poderoso e tão frágil ao mesmo tempo. Porque ele dá conta de muitas coisas, ele ajuda a entender muitas coisas, mas ao mesmo tempo ele é escandalosamente parcial. Quando nós temos uma visão mais ampla da ecologia do planeta, ele é simplesmente um desejo do ser humano de afirmar que o que nós fazemos não é natureza, e todo o resto é natureza. Existe um filósofo inglês, chamado C. S. Lewis que em uma frase destrói o sentido desse conceito: uma formiga, se desenvolvesse um pensamento filosófico, diria que o formigueiro não é natureza. Mas que a cidade, feita pelos homens, é natureza. Se a gente acompanhar a inteligência e a sutileza dessa afirmação, ela desmonta toda a pretensão, toda a arrogância antropocêntrica que está por trás desse conceito de natureza. Porque nós simplesmente dizemos que aquilo que existe por si mesmo, que não é criação nossa, é natureza. Então uma formiga poderia dizer a mesma coisa. Ela olha um avião super sônico e diz que "aquilo ali é natureza, não foi eu que criei. Mas o formigueiro que foi eu que criei não é natureza". Ou seja, nós somos um dos frutos possíveis da história da evolução da vida nesse planeta. Tanto nós, quanto as formigas, quanto as baleias. Cada um constrói o mundo através dos materiais que estão presentes no planeta, cada um constrói o mundo, e tudo isso faz parte desse grande movimento da vida, que a gente pode considerar no sentido mais amplo, menos antropocêntrico da ideia de natureza.

Roberto Romero:

E um dos momentos históricos que mais excitou essa imaginação ocidental sobre a ideia de "Natureza" talvez tenha sido a chegada dos europeus aqui nas Américas, não é mesmo? E é algo que atinge a gente desde cedo, na escola, quando estudamos os livros de história e vemos aquelas ilustrações fantásticas dessa natureza exuberante que os europeus encontraram aqui. E eu queria te perguntar como esse contato com as Américas ajudou a construir esse imaginário de natureza que a gente herda até hoje.

José Augusto Pádua:

O que a gente chama de Europeus, ou seja, as sociedades no Mediterrâneo e ao norte dele, elas tinham ao longo da história uma experiência praticamente restrita ao mundo temperado, não tinha uma experiência do mundo tropical. Bom, quando eles chegam aqui no Brasil, ali no século XVI, XVII, eles têm contato com uma natureza muito diferente, que é a natureza tropical, a floresta tropical. Eles já tinham tido um pouco dessa experiência na África, mas aqui foi essa experiência com muita força, porque eram mais de 138 milhões de hectares de floresta, de mata atlântica contínua. Quando você olhava, você via aquela presença da floresta onipresente, incluindo aí os manguezais, as restingas, etc. E era uma natureza muito diferente da natureza mediterrânica, porque até então a ideia que eles tinham de paraíso, de perfeição, de mundo civilizado e abençoado por Deus, era uma ideia muito mediterrânica, não era uma ideia de abundância de floresta. Era uma ideia de bons ares, águas limpas, uma certa vegetação de menor porte que a floresta tropical. Então quando eles chegam na floresta tropical. E quando eles chegam na floresta tropical, eles se espantam muito. Porque ao mesmo tempo que eles viam abundância de vegetação e vida animal, no caso específico do litoral aonde começou a colonização do Brasil, eles não encontraram aqui coisas que eles

encontraram no México, no Peru, por exemplo cidades de pedra, que davam sentido à civilização. E também a própria natureza de regiões como o México, como o Peru, não era a natureza de floresta tropical. Então isso dava uma sensação de selvageria, de medo, um certo pavor. A floresta tropical é muito escura por dentro, cheia de cipós e cheia de insetos. Agora também eles viam aquelas fontes de águas limpas e puras na Mata Atlântica. O interesse deles foi muito despertado por algumas espécies vegetais e de animais. Eu diria que essa ideia de paraíso está mais ligada ao maracujá, ao caju, ao abacaxi, ao pau brasil. Alguns elementos da natureza que se destacavam, e traziam essa ideia de uma coisa paradisíaca, de um sabor paradisíaco. Mas a selva mesmo foi vista de uma forma diferente. Talvez a gente pode argumentar historicamente que eles valorizavam mais algumas árvores e alguns animais do que a floresta em si. A floresta em si eles chegaram até a depreciar e a considerar uma coisa inútil.

Roberto Romero:

E esse impulso de tirar a floresta pra colocar cana à vontade tinha muito a ver com uma fabulação de que aqui a natureza nunca iria acabar, né? Fico lembrando da famosa carta do Pero Vaz de Caminha, que foi um dos primeiros documentos da chegada dos portugueses aqui, que falava justamente da abundância de mata e água no território todo. Ele falava assim num trecho da carta: "Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa, que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem". Eu queria então, José Augusto, que você contasse um pouco para a gente sobre como se deu a construção dessa fabulação de que a nossa natureza é infinita, e como esse mito foi se atualizando ao longo da nossa história.

José Augusto Pádua:

Quando os europeus chegam, eles têm o choque da abundância. É muita terra, é muita água. São florestas infindas. Então eu penso que essa imagem da abundância marcou profundamente toda a maneira como eles se relacionaram com a biodiversidade desse território e como eles vieram concebendo e materializando formas de economia e exploração. Por exemplo, quando eles descobrem naquela diversidade de árvores da Mata Atlântica uma árvore que tinha interesse econômico, que era prima biológica de outra árvore que eles conheciam na Ásia, que dava essa tintura que era uma coisa de valor comercial, eles ficaram impressionados e querendo quantos paus de pau brasil fossem possíveis de levar para a Europa. E você não vê essa sensação de que vamos cortar com cuidado porque pode ser que não tenha muito. A sensação é vamos cortar porque sempre vai ter, nessa abundância de floresta, a quantidade de pau brasil que nós queremos, que nós desejamos. Mas quando eles descobrem que essas terras tropicais, com a Mata Atlântica, seriam muito bosa para a cana de açúcar, que eles já faziam nas ilhas do Atlântico, na Ilha da Madeira, eles têm uma sensação, porque aí já não é a abundância da floresta enquanto tal, mas é a abundância da floresta para ser queimada. E aquela sensação de que eu vou queimar e colocar o que eu quero, no caso principalmente da cana de açúcar no início, e, mesmo que a terra fique gasta, fique envelhecida e estragada, como eles diziam, cansada, eu sempre vou ter mais floresta para queimar. Eles tinham a experiência de conservação de solos, mas aqui a documentação mostra essa sensação de que eu não preciso conservar solo. Eu queimo a floresta, as cinzas da floresta alimentam os solos durante alguns anos e depois que os solos de estragam, eu queimo mais e vou ter um tempo infinito para eu poder queimar esse oceano de florestas aqui. Esse mito da natureza inesgotável não aparece só no início, ali no século XVI quando eles se encontram com a Mata Atlântica. Eu penso que ele aparece em toda a história do Brasil, e até hoje ele cria uma ilusão de que nós não precisamos cuidar bem do território, porque a abundância de recursos é tão grande que não há necessidade. E até hoje muita gente ainda tem essa visão, de olhar a floresta amazônica como uma coisa ilimitada, que pode destruir porque vai ter sempre abundância de recursos. Só que hoje isso é uma grande ilusão, e o estudo da história ambiental mostra isso. Porque aquela Mata Atlântica que parecia um oceano sem fim, hoje está reduzida a 13% da cobertura que eles encontraram se você juntar todos os fragmentos. E grande parte do que era aquela Mata Atlântica belíssima e

abundante hoje são terras estragadas, erodidas, cheias de voçoroca, onde tem uma pecuária. Ou seja, aquele mito da natureza inesgotável que eles tinham na Mata Atlântica, em 500 anos foi esgotado na prática. Então não era nada inesgotável.

Roberto Romero:

E é bom a gente lembrar que os impactos no nosso território não vieram só das queimadas pra plantação de cana, né? Os portugueses também trouxeram com eles uma variedade de espécies de plantas, galinhas, porcos, bois, vírus, bactérias, só pra citar alguns. Como que esses agentes não-humanos também contribuíram para essa história, José Augusto?

José Augusto Pádua:

Quando se estuda a formação colonial do Brasil e história da colonização, da construção da América portuguesa, a gente tem muito forte a imagem da transposição de formas sociais, de religião, de manifestações do catolicismo, formas de dominação, instituições como a escravidão, e formas de governo. A gente pensa muito nessas transposições ao nível do humano, mas esse processo de colonização e globalização têm uma dimensão que vai muito além do ser humano. Existiram aqui cavalos primitivos, elefantes primitivos, preguiças gigantes, mas há milênios eles entraram em extinção, por uma série de fatores que não tenho como resumir aqui. Mas quando os portugueses chegam aqui no que hoje é o Brasil, eles encontram muitos insetos, muitos primatas, muitos pássaros. Mas animais pequenos, pacas, tatus – o animal um pouco maior era a anta. Não tinha animais de médio porte para grande, como são os bois, os cavalos. Naturalmente, eles carregam uma vida com eles, eles trazem o que um historiador ambiental, Alfred Crosby chamou de uma biota portátil, uma espécie de arca de Noé, e introduzem aqui uma quantidade grande de plantas e animais que vão modificar profundamente a ecologia dessas paisagens. Eu fico imaginando o que seria esse território há 600 anos atrás sem bois, sem porcos, sem galinhas, sem búfalos, sem cavalos, sem gripe, sem varíola, sem caxumba, sem catapora, sem cana de açúcar e sem coqueiros. A gente pensa no coqueiro da Bahia, mas o coqueiro foi trazido. Sem mangas, que tem aí toda essa identificação. Sem bananas. Há uma discussão se haveria uma variedade de banana nativa, mas quase todas as espécies de banana que a gente usa aqui foram introduzidas. Sem café... Então vamos pensar os bois. Os bois foram um instrumento de conquista colonial. E os europeus sabiam disso. Não era só um detalhe. Eles sabiam que os bois eram bichos fortes, resistentes e grandes que procuravam pasto em qualquer lugar onde tivesse ervas. E eles se reproduziam, cresciam e expandiam por si mesmos. Quando você chega ali em 1700, alguns documentos mostram que deviam já existir mais de 3 milhões de cabeças de gado bovino na Bahia, em Pernambuco, ali naquela região. E em toda a América portuguesa existiam umas 300 mil pessoas nas áreas de domínio colonial. Tinha muito mais gado bovino do que seres humanos. Então eu te pergunto: quem colonizou o território? Os portugueses ou os bois? O gado bovino foi um tremendo instrumento de conquista. Muitos grupos indígenas, quando o gado bovino chegava, eles se afastavam. Em relação às doenças, temos que considerar que foi um fator fundamental para a conquista. As epidemias e o choque epidemiológico que aconteceu. Hoje em dia a gente calcula que da população que existia nessa região do planeta, nas atuais Américas, deve ter sobrado em torno de 10%. Quer dizer, houve uma mortandade de 90% da população nativa indígena nessas regiões pela violência, pelas guerras, mas principalmente pelo choque epidemiológico.

Roberto Romero:

É fascinante e triste ao mesmo tempo falar dessas histórias não contadas da invasão biológica que produz toda essa destruição, e que recentemente vem inclusive sendo muito discutida pelo próprio movimento ambientalista. Muita gente acha que esses movimentos surgiram ali nas décadas de 1960 e 1970, não é? Mas a gente pode dizer que essas preocupações ambientais também estiveram presentes em outros momentos da nossa história? Para trazer um exemplo, muitos vêm hoje a Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, e imaginam que ela estava ali desde sempre, sem saber que aquela floresta é fruto de um

projeto ambicioso de reflorestamento tocado a partir de 1861, após uma grave crise de abastecimento de água na cidade.

José Augusto Pádua:

Todas essas disputas, conflitos, ideias, debates em torno do mundo da vida, dessa explosão dos problemas da vida na cena política envolvendo a questão das mudanças climáticas, o perigo do inverno nuclear, a poluição, tudo isso veio crescendo justamente nas décadas de 1960 e 1970. E a gente usava esse registro, a ideia de que era uma questão nova que estava surgindo naquele momento, fruto da civilização urbana industrial, da globalização. Só que aí começa a investigação histórica, você vai vendo os arquivos, os documentos, você vai buscando, e você vai vendo que essa discussão era muito forte e quente no passado. Mas qual era a grande diferença? Era uma discussão entre intelectuais, entre homens de ciência, entre alguns políticos, no máximo entre alguns fazendeiros. Mas essa discussão não chegava na sociedade, na opinião pública, no espaço público, em todas aquelas áreas da sociedade onde começa a surgir uma esfera pública, jornais, clubes. Mas isso só vai acontecer para valer a partir de 1960, 1970. Então há uma diferença importante. A partir de 1960 nasce a discussão pública, nasce um movimento social em torno disso. Na diplomacia o assunto fica quente, aí vem a Conferência de Estocolmo em 1972, Conferência do Rio de Janeiro em 1992, na política os Estados criam órgãos ambientais. Mas sempre os cientistas iam indo um pouco além. Então no meu livro *Um sopro de destruição*, eu estudo do final do XVIII ao final do XIX. E o que eu observo é isso, era uma discussão acadêmica. Eles escreviam, debatiam com uma lucidez e até com um tom apocalíptico, de preocupação com o que estava acontecendo. mas não chegava na sociedade civil. Mas a sociedade civil no Brasil também era muito diferente, muito mais fechada e simples. Você tinha os escravizados, os indígenas, os pobres e livres, os fazendeiros, os grandes comerciantes. Os fazendeiros, que poderiam estar mais interessados nessa discussão, porque poderiam estar preocupados com a sustentabilidade de suas próprias propriedades, tinham pouquíssimo interesse nessa discussão. Raramente a gente encontra na documentação um ou outro fazendeiro que se pergunta como vai preservar a floresta. Porque a maioria estava dominada por uma coisa, que esses pensadores iluministas detestavam, que era a rotina. Na rotina você vai fazendo igual os bisavós fizeram. E o que era a rotina? A rotina era o mito da natureza inesgotável. Você destrói, deixa a terra estragar e abre mais floresta. Então, infelizmente, são muito poucas as experiências como as da Floresta da Tijuca, que você sai da teoria para a prática. O que eu vi nesse período são formulações geniais, que esses homens ilustrados escreviam para o Estado, tentando chegar nos governos, nas autoridades. Mas as autoridades também não tinham uma força de ação sobre a economia, porque a economia era muito dependente desses grandes proprietários e comerciantes que preferiam seguir a rotina. Agora, a maneira como eles formulavam esses pensamentos era impressionante. O José Bonifácio de Andrada e Silva, em 1823 fala que o Brasil vai se transformar nos desertos da Líbia em dois séculos se continuassem o desflorestamento. Quer dizer, é uma imagem muito forte, apocalíptica. E tem uns personagens, inclusive em Minas Gerais, que são impressionantes. Tem um mineralogista chamado José Vieira Couto que estava ali na região de Ouro Preto em 1799, quer dizer, antes do Bonifácio, ele fala: “Já é tempo de se atentar nessas preciosas matas, nessas amenas selvas que o cultivador do Brasil, com um machado em uma mão e o tição em outra, ameaça de total incêndio e desolação. Uma agricultura bárbara, ao mesmo tempo muito dispendiosa, tem sido a causa desse geral abrasamento. O agricultor olha ao redor de si para duas ou mais léguas de matas como para um nada”. Olha que diagnóstico, não é, em 1799 ele vendo isso, que o agricultor desprezava a floresta e já estava queimando aqui, transformando em cinza aqui, e já olhando ao longe o horizonte para levar destruição a outras partes. E ao mesmo tempo que eles criticavam a devastação, eles apontavam caminhos alternativos. Eles se perguntavam como seria possível cortar a madeira de um jeito mais cuidadoso, que poupasse as árvores e as florestas, e dentro dessas coisas que eles falavam, eles começaram a falar em meados do século XIX na necessidade de reflorestar. Então o caso da Tijuca é um dos poucos casos em que eles conseguiram passar da teoria à prática. Mas por que eles conseguiram isso? Porque havia um problema concreto que era a falta de

água. Porque o Rio de Janeiro, que era a capital, recebia água dos pequenos rios que desciam das montanhas. E começa a haver um desflorestamento lá em cima para produzir café e carvão vegetal, e começa a faltar água nos chafarizes aqui em baixo. E aí o governo local percebe que tem um problema. E esses pesquisadores vêm e falam: se a gente reflorestar a floresta lá em cima, você pode reconstruir as nascentes, reconstituir o fluxo desses rios.

Roberto Romero:

É impressionante como o tempo passa e a gente continua agindo de forma parecida, não é? A gente espera chegar a crise pra ter coragem de colocar ideias urgentes em prática. E isso me faz pensar na emergência climática que a gente vivencia hoje, e que talvez poderia ter sido freada se iniciativas como essa da Floresta da Tijuca tivessem sido mais comuns ao longo da nossa história. E isso me faz refletir sobre como a ação de uma parcela da humanidade sobre a Terra faz confundir a história humana com a própria história do planeta. Discute-se, inclusive, que a ação humana desde a Revolução Industrial levou a formação de uma nova era geológica, que muitos têm chamado de Antropoceno. Eu imagino que este diagnóstico traga enormes desafios para a tarefa do historiador. Então, pra gente encerrar a nossa conversa, eu gostaria que você comentasse sobre esses desafios e como a História pode nos ajudar a enfrentá-los.

José Augusto Pádua:

Essa temática já vem sendo trabalhada há algumas décadas pelos historiadores ambientais, mas também por toda uma outra área que se define como *Big History*, a Grande História. Hoje em dia existem alguns historiadores que se definem como trabalhando com a *Big History*. Mas nasceu dentro do campo da história ambiental, e eu creio que faz parte da história ambiental. E para entender isso, tem uma coisa fascinante que são duas grandes mudanças epistemológicas que aconteceram nos séculos XIX e XX e que ajudaram a criar a própria ideia da história ambiental. A primeira delas é a ideia de que isso que existe por si mesmo, a natureza, é muito mais antigo do que poderíamos imaginar, até o século XVIII no mundo ocidental. Um grande naturalista do final do século XVIII, o Bufon, ele foi ousado e disse que a Terra tinha que ter pelo menos 70 mil anos de idade. Ora, de lá para cá a gente descobriu que a Terra não tem 70 mil anos de idade, que já era muito mais do que os 5, 6 mil anos que eles imaginavam antes. A Terra tem 4.5 bilhões de anos. O ser humano tem 200 mil anos aqui. Então houve uma ruptura com as cronologias que a gente usava. Em todas as áreas do conhecimento, as cronologias foram se expandindo. A gente começa a ver o mundo como uma coisa muito mais gigantesca e antiga do que a gente imaginava, e que nós somos um fenômeno recente dentro dessa história. E a visão tradicional era a de que o mundo estava ao nosso redor. E nós agora estamos vendo que somos um fenômeno recente nessa história. E o outro lado da moeda, que eu acho que talvez seja uma mudança ainda mais impressionante em termos epistemológicos e que é fundamental para a história, é que isso que existe por si mesmo, cada vez a gente vê como movimento, transformação, como história. E por isso que existe essa ideia da *Big History*, uma grande história. Agora, em que sentido a gente pode falar de história? Tem um sentido muito amplo, que vai muito além do ser humano. Essa percepção de história, eu entendo como um processo de construção, preservação e desconstrução de formas e seres ao longo do tempo. Então é uma definição de história muito mais ampla do que na historiografia centrada no ser humano. Então se a gente vir a coisa dessa maneira, existe então uma confluência entre uma história cósmica, uma história geológica, uma história biológica e uma história dos seres humanos ou social – embora muitos argumentam que outros seres tem vida social. Então nossa história está entrelaçada com essas outras histórias. Porque na verdade nós só existimos, a nossa história só existe, porque existe uma história cósmica e que está em movimento. Às vezes aparecem umas ideias meio apocalípticas de chocar um asteroide, alguma pedra desse tipo que passa perto da Terra, e a gente sabe que há 60 milhões de anos isso aconteceu e provocou a destruição dos dinossauros. Então não tem como nossa história estar longe da história

cósmica. A história cósmica pode tocar na história geológica, na biológica, na história humana.

Roberto Romero:

Muito obrigado, José Augusto, foi muito bom te ouvir. Eu te agradeço muito por ter compartilhado tantas histórias com a gente.

José Augusto Pádua:

O prazer é todo meu!

Roberto Romero:

Bom, e eu vou aproveitar que o José Augusto falou dessas histórias apocalípticas de meteoros que podem colidir com a Terra pra chamar novamente a Gabi, que tem um recado sobre o próximo episódio!

Gabriela Moulin:

Isso aí Robertinho! Queria dizer que no próximo episódio vamos conversar com a filósofa Deborah Danowski justamente sobre as diversas ficções que tratam do fim do mundo. Vamos falar sobre como essa ideia das fabulações sobre o fim podem também nos ajudar a lidar com os imensos desafios que esse momento coloca pra gente, como o José Augusto falou. Então, esperamos vocês em nosso próximo episódio! Eu sou Gabriela Moulin, diretora presidente do BDMG Cultural...

Roberto Romero:

E eu sou Roberto Romero, e este foi o podcast *É Cultura?*, um podcast do BDMG Cultural em parceria com o Micrópolis.